

Túmulo de D. Duarte de Menezes
na igreja de S. Francisco, em Santarem

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de Inormação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno, 2\$400.

Semestre, 1\$200. Trimestre, 600 rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador
acresce o importe das despesas.

Extranjeiro — Um anno, 3\$000.

Numero avulso, 60 reis

Ornamentos da Casa Estrella

Officinas d'Escultura e Talha Religiosa, em madeira, marfim e massa

Fundada em 1874



Peçam

o nosso
catalogo
illustrado
com 143
gravuras,
que se
enviam
gratis.

PORTO

Rua do Bomjardim,

85 a 89

Rua de Santo Antonio

59 63



**Aos nossos
trabalhos
foram
concedidos
os mais
altos pre-
mios nas
Exposi-
ções In-
dustriaes
Portugue-
zas de 1887
e 1897.**

GUARDA
Representante
depositario
CASA SUCENA
Rua Helderero Salgado



Specimen d'uma esculptura em madeira executada nas nossas officinas

Deposito de imagens, oratorios, castiçaes, jarras, ramos, custodias, relicarios, calice pexides, galhetas, caixas para hostias, campainhas, carilhões de campainhas, turibulos e navetas, cruzes processionaes, cirios, lanternas, estantes para missaes, livros de missa, lampadas, lustres e todos os mais aprestes do Culto Divino.

**A CASA ESTRELLA e a fornecedora das principaes casas con-
generes no estrangeiro, e a que mais Igrejas fornece no Conti-
nente, Ilhas, Brazil, etc . . .**



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Peretra Villela. Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 17 de junho de 1916

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 155—Anno III



Cardeal Meffi, Arcebispo de Pisa

(Phot. de Cav. C. Felici)



«O grande desvayro»!...

BEM conhecêra a psychologia dos seus compatriotas aquelle nosso chronista medievo que dizia sêr Portugal uma terra de *muitas e desvayradas gentes*. Sobretudo *desvayradas!*

... Eu já vejo o leitor a esbogarhar para mim dilatadas olhaduras de espanto, ao attentar n'esta invocação do chronista da meia idade em tom de final de 3.º acto. Mas é do *desvayro* portuguez que eu quero fallar n'esta curta conversa, tão poucas vezes amena porque é mordiscada de ásperas verdades, distribuidas como a pimenta nos acepipes e o sal nas comidas: na devida dôse.

E que *desvayro!* Muito, muito maior que o do D. Pedro e da inditosa Ignez, snr. Anthero de Figueirêdo. Precisamente o teu, o *desvayro* que tu viste, ingénuo e profundo Fernão Lopes. Precisamente esse na essencia, mas muito mais desflagrado e delirado porque hoje a vida é dos videiros, já não ha loucuras ideaes a tremeluzir no aço percuente dos elmos e a voar nas pennas brancas dos seus paquifes, já não ha gestos cavalheirescos, ha negocio, ha o porejar das ambições, ha este febril *struggle* brutal que transmudou o ganha-pão n'uma batalha confusa em que metade do mundo esmaga outra metade, como um immenso cylindro calca e nivêla e tritura os calhães das estradas!...

... E' vêr o que ahi vae de *patriotismo*, meus senhores! Que florescencia! Que estranha visão não se alevanta deante de nós, mais bella que a da nação toda de pé em Aljubarrota, na Restauração e no Bussaco! Os senhores poderão dizer sem mentir que assistiram por acaso — porque o acaso é tudo em Portugal, na loteria da Santa Casa e nas revoluções — a maior resurreição *patriotica* do que esta?! Toda a gente falla de patriotismo: a Patria para aqui, a Patria para alli, a Patria para acolá... Gente que eu vi hontem a berrar que Patria e republica (mantenhamos as distancias das maiúsculas...) não são a mesma coisa, apparecem hoje patriotas incondicionaes, esquecidos de tudo, mas de tudo, inclusivê de si mesmos!...

Como se explica isto? Que assombrosa *revivescencia* é esta? Quêdem-se os psychólogos de multidões politicas. Não abram os alfarrabios pulvêreos da historia, como o morgado d'Agra de Freimas tosquevejava sobre os seus, antes de perorar no parlamento. Não é caso de tanto açodamento nem de tão grande monta como a guerra europeia, embora para nós offereça mais cuidados do que ella. E' o *desvayro* que ao chronista medievo se antolheu desde longinqua idade, por toda a planura onde evolúe a vida portugueza. E' o *desvayro* politico o

mexer n'aquillo que é sagrado, a Patria, coisa tão grande que não a mêdem meus olhos, symbolo tão alto que não o atinge completo o meu espirito, corpo tão airoso e bello que os meus braços não podem enlaçar, mas alma que está dentro da minha de portuguez, mais propenso a chorar do que a sorrir... E' o *desvayro!* D'um lado os republicanos que dão vivas á Patria, do outro os realistas que, recoscos da accusação de anti-patriotas se esalfam por dar vivas mais sonoros e de ouvir que os dos outros. E é isto o patriotismo, a comichão trofica da terra portugueza, n'esta hora tremenda para os seus destinos. D'um lado o republicano que só vê a Patria atravez das lunêtas verde rubras do regime; do outro, o monarchico que não quêr parecer menos patriota que o adversario. D'um lado, o patriotismo por accinte, do outro o patriotismo por mêdo. E' o *desvayro!* Por muito paradoxal que pareça, esta conclusão e esta analyse são profundamente verdadeiras. O trovão patriotico rebôa e estrondeia, é certo, mas nem sequer o plumbeo cariz do céu é riscado de relampagos fuzilantes. Tudo barulho apenas, um barulho atroador como o das mangas africanas batendo nos escudos com os contos das azagaiaes, antes de avançar em furia bellica. D'um lado o patriotismo por accinte, do outro o patriotismo por mêdo. E no meio?

No meio... está a virtude — o aforismo triumphou. No meio está a massa enorme dos portuguezes de lei que não berram, porque não estão ainda convencidos de que para serem patriotas careçam de gritar espalhafatosamente o seu patriotismo e de que para serem republicanos ou monarchicos precisem de estadear o seu cunho politico na côr berrante da gravata, como cães, com o nome do dono vincado no ferro da colleira. E' enorme, é a maioria, esse grupo de portuguezes, distinctos dos *snoobs* que por 'hi latem louvores a quantas insidias a imprensa hespanhola ou o inimigo contra nós destilla, distinctos da algarada patrioteira que nos domingos passeia d'automovel, escreve nas gazêtas, mostrando o seu accinte ou o seu mêdo. Ninguem, n'esta hora, ama ardorosamente a sua Patria como elles. Ninguem sente como elles a dôr que estremece e dilacera o coração anciosissimo d'ella. Ninguem como elles mais promptamente lhe offerta o corpo e a alma na occasião do sacrificio. Mas não berram, não se pavoneiam de *unicos* e *exclusivos* patriotas, porque a Patria não vive dentro d'um partido, como o caracol dentro da concha. Mas não berram, não chamam *traidor* a ninguem, porque chamal'lo é fazer injuria ás lagrimas das mães e aos soluços dos paes que

veem os seus campos sem braços e cuja gorja se rala, ao pensamento de que uma faxa de crêpe lhe transformará a casa no quadrilátero de um catafalco tosco, encerrando os restos dos que morreram de fome no solo patrio e os que cahiram emboldriados de sangue em terra alheia. Sabem cumprir o seu dever no momento proprio, mas sabem respeitar a dôr, mas sabem respeitar as opiniões.

Formáram já as suas ideias acerca dos dois belligerantes. A declaração de guerra d'Allemanha a Portugal não as modificou, porque não era preciso. Não dizem hoje o contrario do que dissêram hontem, não pincháram acrobáticamente sobre o fosso que sepára germanophilos de aliadophilos, porque desde o principio se affirmáram coherentemente *lusophilos*. Não advogáram hontem a salvação da França pela derrota, para hoje serem os apologistas d'ella pela victoria. Não defendêram a disciplina e as virtudes do povo allemão, para hoje lhes chamar *fêro jugo*, militarismo e o mais que se conhece. Quem olhar esta guerra de dentro do seu partido, faltará á verdade. Ha uma justiça distributiva a respeitar. Os criterios absolutos levam-nos ao odio, á orga, ao ridiculo dos ignorantes, aos exagêros dos nervosos, á covardia repellente dos accomodatícios. E são os ignorantes, os odientos, os nervosos e os accomodatícios os que truanescamente agora estão a berrar patriotismo em Portugal, sem o sentirem como os que, serenos, sem um gesto desmanchado, sem uma postura de *grandes homens*, aguardam a voz da Patria reclamando o seu auxilio, sem precipitações e sem *desvayro!*

Os senhores recordam-se do pastor que em falsos rebates gritou: *ao lobo! ao lobo!* e quando o lobo veio, ninguém lhe accediu ao rebanho espavorido e tresmalhado, porque suppoz que então era tambem falso, o alarme?...

F. V.

VIDA INTENSA

POR J. DE FARIA MACHADO.

Capellães

VOLTAMOS ao assumpto. O governo fecha os ouvidos ás reclamações dos catholicos, que são, muito embora pese á luminosa demagogia, a quasi totalidade do paiz. Aos raros ingenuos, que ainda apostolisem as boas intenções do que é mister chamar-se governo nacional, os factos estão dando um eloquente e radioso desmentido. Novos contingentes partiram para as colonias, e

em nenhuma d'essas expedições de valorosos portuguezes, se incorporaram, como era justo, capellães militares.

Rouba-se em nome da patria em guerra, á paz do seu lar, aos carinhos da familia, aos lazeres variados das suas occupações tantos e tantos filhos, exige-se-lhes o sacrificio das suas convicções, o abandono da sua felicidade, o derruir dos seus projectos, sem querer attendê-lhes a mais simples, a mais nobre e veneravel aspiração. Já aqui escrevemos que seria criminoso deixar morrer esses heroicos soldados, longe da terra querida, desamparados d'amigos, sem os confortos piedosos da sua religião, sem algum onde elles possam vêr os tempos idos da sua vida, rememorar fugidamente a casa onde nasceram, a capella caiada onde casaram, o cemiterio humilde onde repoisam os seus e que só o padre, que os baptisou, casou e protegeu, que guiou os primeiros passos dos seus filhos, fechou os olhos moribundos de seus paes, poderia realizar essa piedosa missão de encurtar as distancias, reanima-los com a fé, attenuar-lhes a dôr profunda, dar-lhes emfim a derradeira illusão d'um ultimo carinho, na hora derradeira.

Perante o perigo n'um momento d'incerteza e de receios, podem e devem calmar-se todas as dissensões de character politico, porque, muito acima do credo partidario, explende triumphal e bella a figura epica da patria ameaçada, mas não podem nem devem soffrear-se as convicções religiosas, porque acima de tudo se ergue piedosa e boa a figura de Deus. Podem exigir a um monarchico que na hora do perigo morra para defender essa bandeira, que elle não respeita, que elle não quer como symbolo augusto da sua nacionalidade, mas não poderão reclamar d'um catholico o esquecimento das suas crenças e das suas convicções, a abdicção cobarde da sua religião e da sua fé.

Não, o governo não pode exigir semelhante sacrificio que seria o mais monstruoso attentado contra as liberdades da consciencia publica. Se em nome da patria nos reclamam o maior sacrificio, não podem negar-nos a mais elementar das concessões, recusando-nos o que o nosso espirito christão reclama, a nossa fé reivindica com indiscutivel direito. Ao soldado portuguez, coberto de gloria, humilde, soffredor e heroico, que desde Ourique segue na rota do triumpho, sob a egide divina da protecção de Deus, não se lhe pode negar na hora derradeira o conforto piedoso da sua religião, a benção d'um padre que enxugue as suas lagrimas, perdoe as suas faltas, mitigue e ampare a sua tragica agonia. O governo que se diz mandatario da nação, não pode recusar esse direito, não deve attender a uma minoria sectaria que acima de tudo põe o exclusivismo faccioso das suas convicções, sem ao menos aproveitar do exemplo nobilissimo dos adversarios, e desattender a maioria do

paiz, que nobre e galhardamente se prepara para o cumprimento do seu dever.

Não e não. E' necessario que o governo, doa a quem doer, nomeie immediatamente os capellães necessarios aos serviços espirituaes do nosso exercito, para que todos se convençam que Portugal é de todos nós e não logradouro exclusivo da desvaizada e reduzida cohorte de demagogos, que nos quer impor as regras facciosas das suas paixões.

E' preciso que a situação se esclareça e que o decreto, reorganizando os quadros ecclesiasticos do exercito, appareça immediatamente, para completa satisfação das mais legitimas aspirações do paiz. De contrario, o governo não mais terá o direito de exigir, em nome da patria, o mais insignificante sacrificio. E' absolutamente necessario que a patria d'uma vez para sempre, se defina para conosco.

Mãe ou madrastra? E' o que é preciso saber-se.



Marinheiros!



«Marinheiros» exclamava, louco, em ancia.
O mar enfermeado.
E aquella voz de prece e de arrogancia
Ouvia-se a distancia,
Na terra, como um funebre gemido...»

• Marinheiros! •

la o Sol a morrer... «Os derradeiros
Raios de luz cahiam sobre o Mar.
E as ondas soluçavam,
Mensinhas, um mansinho soluçar...»

E fallavam
Aos rochedos da praia, a mendigar...

...E que pediam ellas?

(E longe, respondia
O Mar, n'uma agonia :
— «Caravellas!»)

Mas na Praia deserta—nem um gritio
Que respondesse ao Mar!
Nem um batel humilde—que, bemdito,
O fosse consolar!

E as ondas, illudidas,
Olhando, ao longe, os vultos dos pinheiros,
Puzeram-se a ehamal-os, commovidas:
— «Marinheiros!»

Cahira a Noite ao Mar, horrenda, escura...
Escuro, horrendo, o ceu...

E emquanto lá na Praia uns caminheiros
Dizem—que Portugal já falleceu,
O Mar, o louco Amante, inda murmura
Em prece:— «Marinheiros!»

Do livro inédito *Origem*

TEIXEIRA PINTO.

Padre Antonio Vieira



MAS nas suas palavras singelas e enternecidas de catechista, o combatente emergia sempre. Aquella doçura penetrava, e logo pelejava e vencia. Foram por isso muitos os ouvintes que, extasiados pela simplicidade, se encontraram despojados de velhos erros e egoísmos, e aprendendo tanto como se fôsem apenas pobres creancinhas, julgaram depois ter só agora conhecido a verdadeira religião christã.

Emfim, Vieira trabalhou ardentemente pela sua predilecta devoção de Nossa Senhora do Rosario que deixou insituida na ilha e com alicerces puros que têm affrontado os tempos e os homens.

Mas chegou o dia da partida. A 24 de Outubro d'aquelle anno de 1654, embarcou o padre Vieira, com os seus, n'um navio inglez. A viagem foi mais uma vez tormentosa, como era singular fadario do eminente Jesuita e portu-guez.

Mas aprovou ao Senhor que o temporal se desfizesse, e em Novembro desembarcava Vieira em Lisboa.

Por este tempo, el-rei o senhor D. João IV enfermara gravemente, e estava em Salvaterra, mas logo que soube da vinda do seu grande conselheiro e missionario, chamou-o n'uma carta affectuosa. Vieira seguiu logo para Salvaterra, encontrando o rei em perigo de vida, assistido de medicos que não ocultavam a consternação e a rainha, tão forte sempre de animo, n'um desalento que confirmava o seu encantador affecto ao esposo.

A presença de Vieira teve, porem, muito de prodigio. D. João IV pareceu revitalisar-se e a enfermidade, cedendo á graça divina, deixou-o com tanta felicidade, que o soberano depressa entrou em plena e firme convalescença.

Como diz Rebello da Silva, o senhor D. João IV tinha um mau regimen alimentar: comia bastante, e nunca bebia. Da vida da caça, activa e fortificante, passara para o sedentarismo do gabinete, no qual muito estudava sempre, quando não compunha algum dos bellos trechos com que enriqueceu a nossa musica sacra.

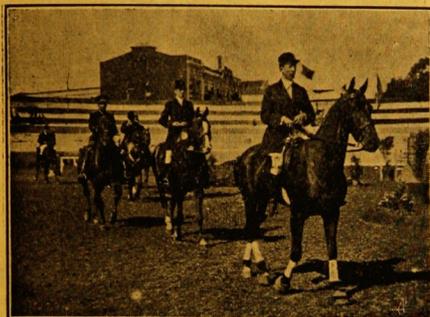
Soffria assim frequentemente dos efeitos d'um natural arthritismo, inimigo com surpresas perigosas a cada passo.

Vieira, até na medicina, era um conselheiro valioso. Tambem padecia, e como poucos pecava no abuso do trabalho que o fez *cuspir sangue*, segundo elle confessa n'uma das suas cartas modelares.

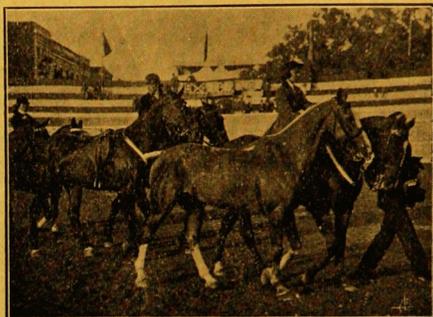
(Continúa.)

JOSÉ AGOSTINHO.

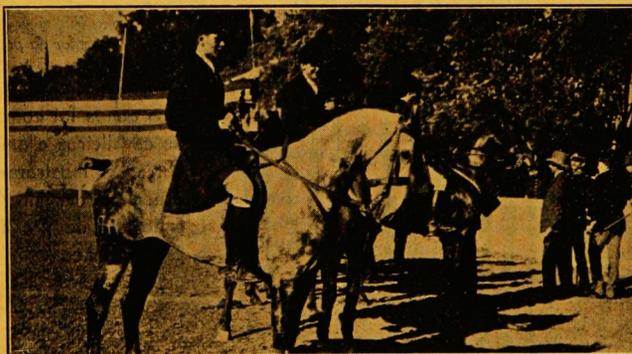
Concurso Hyppico em Lisboa



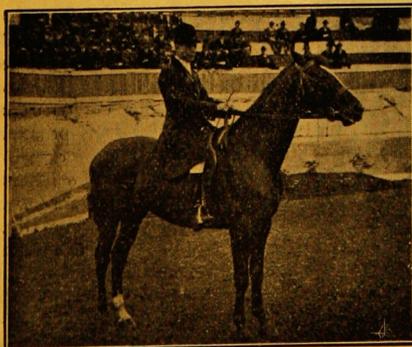
Vencedores da prova Nacional



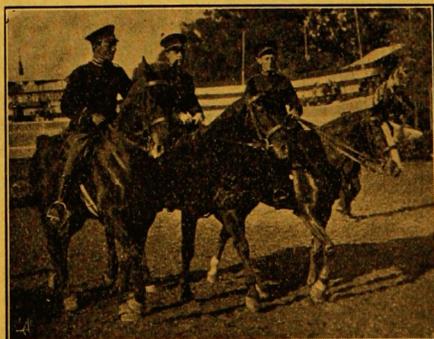
Vencedoras da prova Amazonas



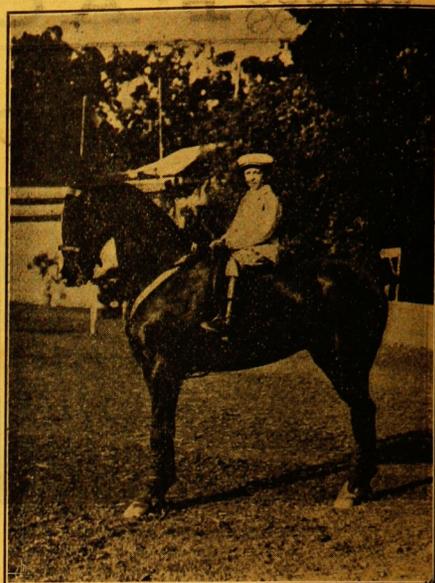
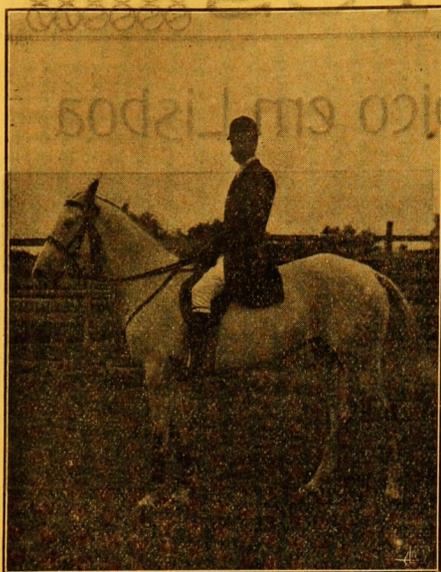
Os vencedores da prova Inauguração



Vencedor da prova Apresentação



Vencedores da prova Equipes



Carlos Marcu na egua "Dina", vencedor do grande premio

Menino Vasques, vencedor da prova Discipulos

Concurso Hippico em Lisboa

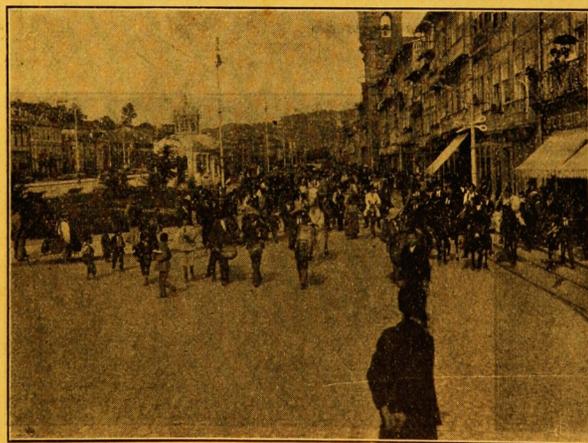
Correu muito animada esta festa desportiva que teve logar na Palhavã.

Lisboa em peso correu entusiasticamente a apreciar mais uma vez esta elegante festa que

como todos os annos foi concorrida por grande numero de cavalleiros e amazonas.

Os concorrentes mostraram a sua pericia, não havendo nenhum desastre a registar.

No segundo dia de provas assistiu o Snr. Presidente da Republica.



Braga—O tradicional "enterro da gata" á sahida do Lyceu

Enterro da "Gata,"

Como de costume effectuou-se n'esta cidade o tradicional *enterro da gata* promovido pelos alumnos do Lyceu de Sá de Miranda.

O cortejo, que correu na melhor ordem, passou nas principaes ruas da cidade, indo formado de alguns carros puxados a juntas de bois e em que figuravam academicos que trajavam a caracter.

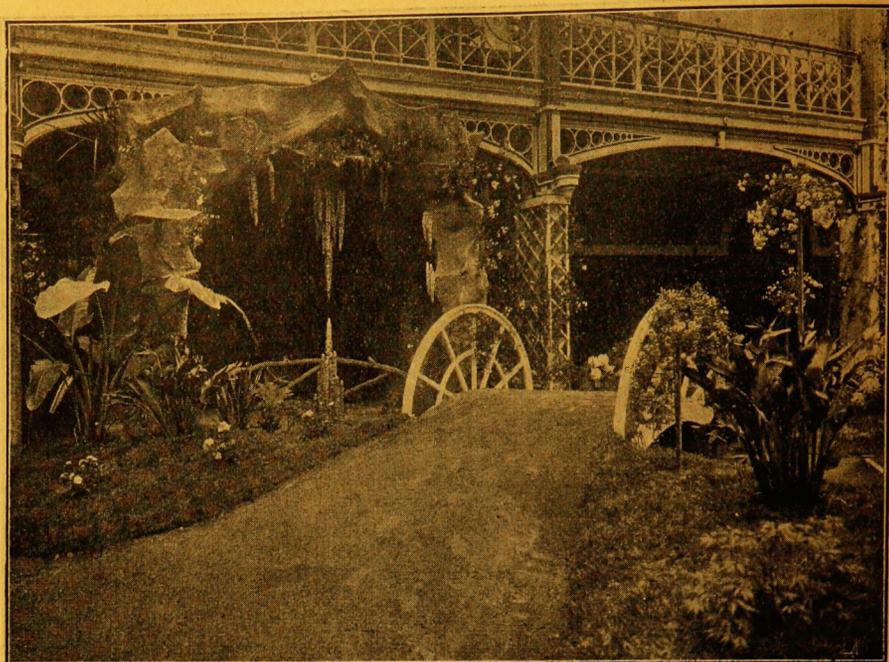
Por onde passava despertou o cortejo franca hilariedade. Na Ponte terminou a diversão, baixando á cova a pobre bichana em honra de quem proferiram os alegres rapazes "commoventes" discursos.



Porto—Exposição no Palacio de Crystal, Remate do Jardim dos horticultores Moreira da Silva & Filho



Exposição no Palacio de Crystal—Vista geral do Jardim dos horticultores Moreira da Silva & Filhos



Porto—Exposição no *Palacio de Crystal*. Gruta e lago no Jardim dos horticultores *Moreira da Silva & Filhos*

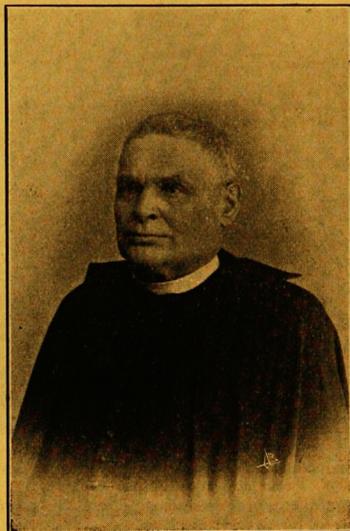


Cervães. *Villa Verde*—Fachada principal do templo de *N. Senhora do Bomdespacho*, principiada em 1643

Templo de N. Senhora do Bomdespacho em Cervães Villa Verde

É um sumptuoso templo, em sítio de magníficas paizagens e de grande originalidade, por encerrar dentro de si dous grandes penedos encostados um ao outro, formando grande gruta, e onde está o altar-mór e oratório de N. Senhora do Bomdespacho.

As paredes de festa estribam-se sobre os dous penedos, bem como o retábulo de magnífica talha renasçença, de grande merecimento.

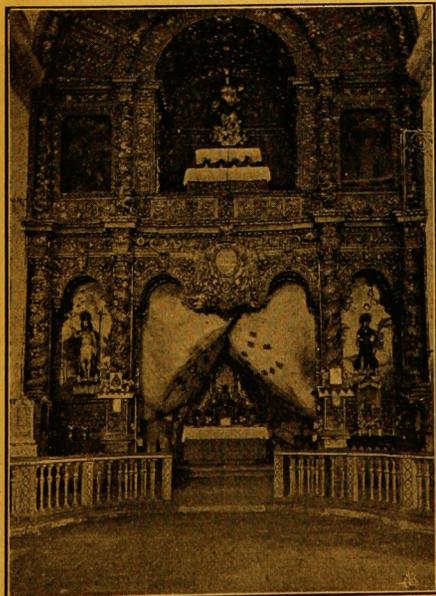


P.º José Joaquim da Silva Bacellar

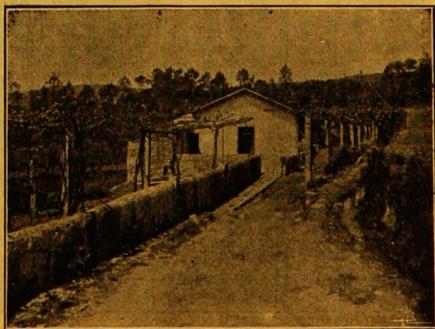
(Cliché da Phot. Alliança)

As paredes da mesma espessura, (dous metros e quatrocentos), sustentam uma abobada, muito elegante, feita de tijolo entre arcos de pedra.

A um ermitão pedidor, de nome João da Cruz, reside em N. Senhora de Bellas, em Monsão, mas que, por um acaso verdadeiramente providencial, veio parar a esta freguezia de Cervães, se deve o principio d'este templo; por esmolas e debaixo da protecção do fidalgo do solar d'Azevedo, Martinho Lopes d'Azevedo, iniciou elle as obras, em 1644, e por 17 annos as dirigiu, fazendo exercer alli o culto, quasi desde o seu principio, vindo a morrer em 1661, em cheiro de



Retábulo do templo de N. Senhora do Bomdespacho em Cervães—Villa Verde. É de talha Renasçença e de magnífica execução. Apoiada sobre dous grandes penedos encostados um ao outro e formando uma grande gruta.

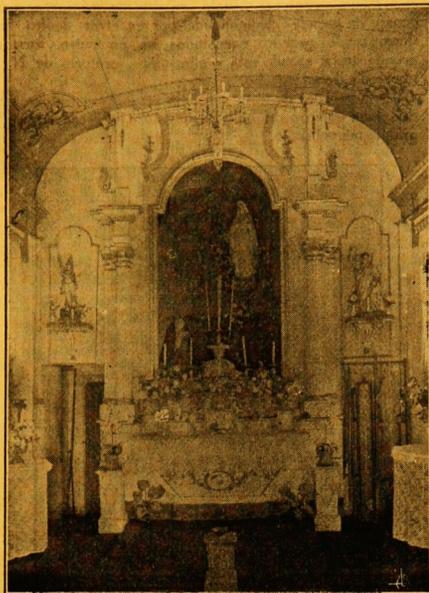


Casa mandada construir expressamente para uso da Juventude Catholica de Cervães pelo seu protector o rev. José Joaquim da Silva Bacellar.

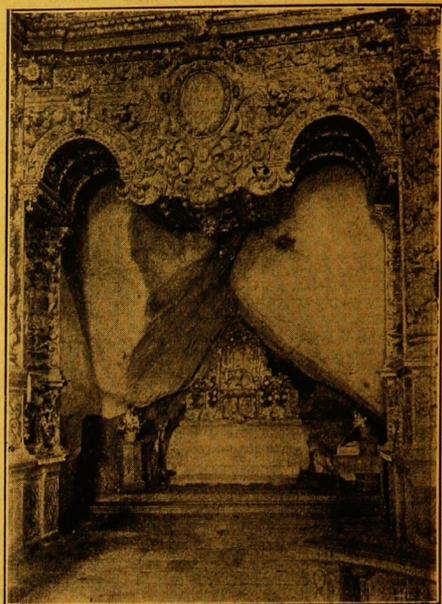
santidade, e deixando a continua-las um seu afilhado, de nome Manoel da Cruz, que tinha feito ordenar.

Foi por esse tempo de grande nomeada este logar de piedade. De grandes distancias, desde Monsão até ao Porto,

aqui vinham romeiros; e muitas freguezias tomaram a obrigação de alli irem até todos os annos nas suas festividades, que são duas, na Ascenção e na segunda-feira do Espirito Santo. E' digno de visitar-se.



Altar e gruta de N. Senhora de Lourdes, em Cervães, com Imagem da Virgem vinda de Lourdes e coroada na gruta milagrosa da Apparição



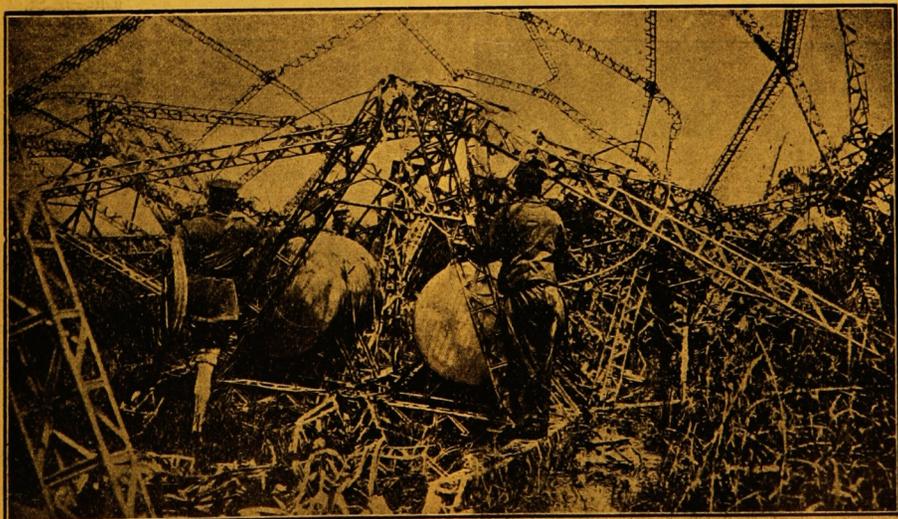
A parte inferior do retabulo do templo de N. Senhora do Bomdespacho em Cervães, até ás primeiras cimalthas, estribada sobre dous grandes penedos e apertando, em gruta, o altar-mór



Cabreiros—O rev, padre José Maria Martins Alves da Rocha com pessoas de familia e amigos no dia da festa ao Senhor dos Passos, feita n'aquelle freguezia a expensas suas



(1) Jorge V passando revista aos novos recrutas. (2) general French, um dos indicados para substituir a Lord Kitchener, ultimamente fallecido



Officiaes inglezes examinando os restos do ditigivel allemão por elles derribado, nos arredores de Salonica

Morte de Lord Kitchener

Acaba de perecer em uma horrível catastrophe o ministro da guerra inglez que fão relevantes serviços prestou á causa dos alliados.

Foi a este das ilhas Orkneys que o couraçado "Hampshire", teve o seu fim desastrado, assim como Lord Kitchener e o seu estado maior.

Da tripulação d'aquelle couraçado só oito appareceram vivos n'uma jangada, depois de varios dias de lucta com a furia do mar.

Segundo a declaração dos naufragos, o ministro inglez ainda viveu algumas horas apoz o afundamento do couraçado, recolhendo-se n'um pequeno barco, mas este por sua vez afundou-se levando consigo para o abysmo o illustre militar.

Lord Horacio Herbert Kitchener nasceu em 1851.

Estudou na universidade de Woodwich e foi nomeado tenente de engenharia.

Acompanhou as operações francezas de 1870 e 1871 e em 1883 foi nomeado capitão, partindo depois para o Egypto onde alcançou os galões e major e tenente-coronel.



Reorganisou o exercito e tomou parte na batalha de Toski, sendo nomeado Dachá.

Em recompensa dos seus serviços, recebeu um *fauteuil* na Camara dos pares com o titulo de "Lord Kitchener de Khartum e de Aspell" a baronia, a gran-cruz da ordem de Banho, etc;

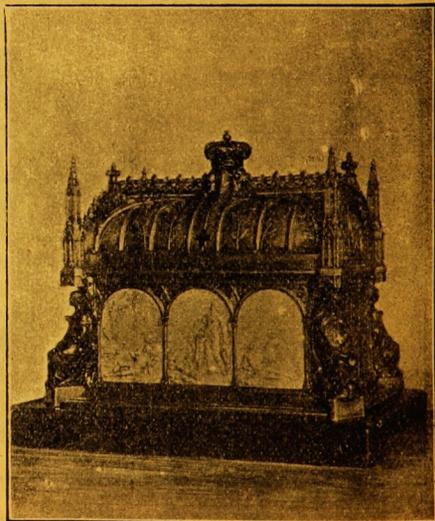
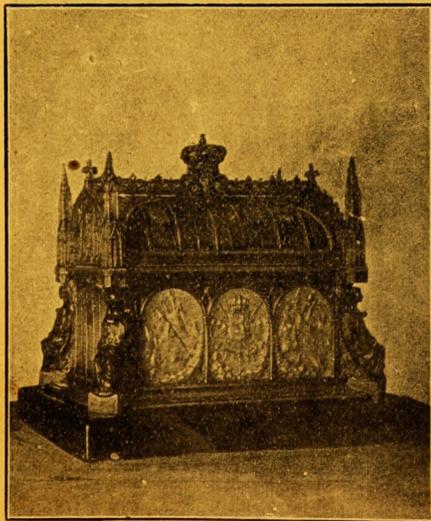
Em 1902, Kitchener foi nomeado commandante em chefe do exercito da India, no qual introduziu importantes reformas. Foi inspector superior das forças militares na Australia e Nova Zelandia, agente d'Inglaterra no Cairo, que é como quem diz soberano de facto no Egypto.

Em 1900 tentou esmagar a energia dos boers; quando acabou a guerra obteve o titulo de visconde.

Foi elle quem dotou o Egypto d'um parlamento e fez votar sabias leis agrarias que produziram um desenvolvimento agricula consideravel.

Mais tarde foi nomeado vice-rei da India e em 7 de agosto de 1914 foi nomeado ministro da guerra inglez.

Foi Kitchener que defendeu vigorosamente na Camara dos communs a lei do serviço militar obrigatorio.



Tributo para Sua Majestade a rainha dos Belgas. O cofre de prata e marfim que continha 50:000 francos para aquella soberana empregar n'alguma obra de caridade

Secção histórica

Villa Viçosa Antiga

Egreja de Santo Agostinho

Pantheon dos Duques de Bragança

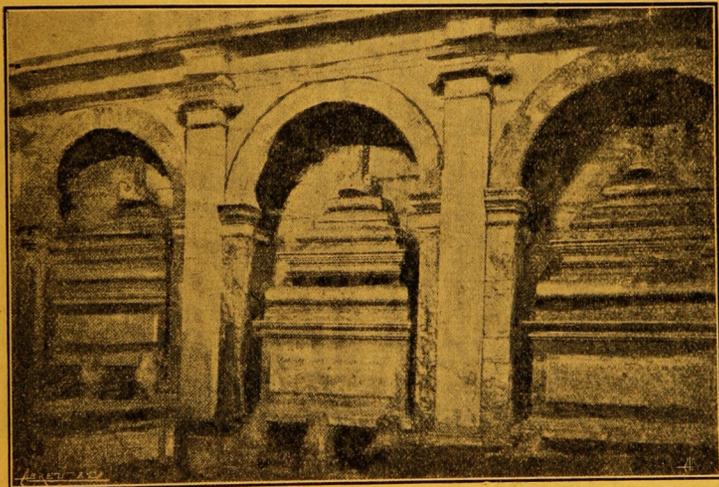
(SEUS TUMULOS)

RESOLVERAM os duques de Bragança tornar esta Igreja Pantheon dos seus antepassados, onde repousassem os seus restos mortais e os d'elles. Como ella não possuia a magnificencia e sumptuosidade necessárias para a tornar digna de tão alto privilégio, combinou D. João IV, 8.º Duque

dilho de Montes Claros e os altares ostentam-se guarnecidos de marmores branco, azul, encarnado e preto, artistica e caprichosamente lavrados n'um bonito conjunto de desenhos e arabescos.

Como no artigo anterior sahiu errado o anno da reedificação ou ampliação do Convento de Santo Agostinho, da sua Igreja, e rectifico-o dizendo que foi em 1635 e não em 1683, que o duque D. João II, mais tarde rei de Portugal com o nome de D. João IV, a iniciou (1) enriquecendo a capella-mór com os mausoléos de marmore branco, que hoje alli se admiram, encimados cada um por uma coroa ducal e mettidos nos vãos da parade.

Foi porém no tempo do rei D. Pedro II, em 1677, que se procedeu á trasladação solemne dos restos mortaes ou ossadas dos duques de Bragança para esses túmulos, visto D. João IV o não ter podido fazer em vida, devido ás guerras da Restauração. Quando, a 16 de Junho d'aquelle anno, se procedeu a essa trasladação, houve officio solemne e missa de Pontifical celebrada pelo 8.º Arcebispo de Evora, D. Diogo de Sousa II, natural de Villa Viçosa, assistindo



Tumulo dos Duques de Bragança. (Lado direito)

de Bragança, com frades do respectivo convento, torna-la mais ampla, e por isso trataram de a reformar, mudando-lhe, primeiramente, a entrada para onde hoje ainda se encontra, ficando fronteiro ao palacio ducal, como já disse no artigo anterior.

Esta Igreja é a de mais avantajadas proporções que existe em Villa Viçosa; e tanto assim que em 1834, época da extinção das Ordens religiosas, ainda não estava completamente acabada, apesar dos Duques e frades terem empregado, para esse fim, a maior actividade e empenho.

É magestosa e bella. Em forma de Cruz latina, as paredes são interiormente revestidas de mármores brancos até á cimalha. O pavimento é formado de xadrezes brancos e azues de bar-

os bispos do Algarve, D. Francisco Barreto, de Elvas, D. Alexandre da Silva, de Portalegre, D. Ricardo Russel e pelo coadjutor daquelle Arcebispo, o Bispo de Torga, D. Bernardino de Santo Antonio. Alli jazem nos seis tumulos da capella-mór, do lado da epistola: D. Fernando I, fallecido em 1478, com 75 annos de idade; D. Jayme, fallecido em 1532, com 54 annos de idade; e D. João I, neto do antecedente, fallecido em 1583, com 37 annos de idade. Do lado do Evangelho jazem: D. Fernando II, pai de D. Jayme, e que foi mandado degolar em 1480, a 21 de Junho, na Praça do

(1) A' entrada d'esta Igreja, do lado direito junto da pia da agua benta, está esculpido em mármore branco que allude a esta reedificação, que foi feita no tempo do Papa Urbano 8.º

Geraldo, em Evora, por El-Rei D. João II, por suspeitas de traição contra o mesmo Rei; *D. Teodosio I*, fallecido em 1563 com 59 annos idade e *D. Teodosio II*, fallecido em 1630 com 62 annos de idade. Alem d'estes ha ainda outros 4 tumulos tambem elegantes e de feiitio igual ao d'aquelles no arco-cruzeiro desta Igreja onde jazem do lado esquerdo: *D. Alexandre*, 4.º Arcebispo de Evora, fallecido em 1608 com 38 annos de idade e *D. Alexandre*, seu sobrinho, fallecido em 1637, do lado direito ou do Evangelho: *D. Philippe*, irmão do duque D. Teodosio II; encontrando o outro tumulo vasio e que era destinado para *D. Duarte* fallecido em Milão. Nos topos do plano do presbyterio jazem em tumulos embutidos na parede, em forma de gavetão, *D. Manuel* e *D. Maria*, filhos do 8.º duque de Bragança, fallecidos de tenra idade, muito antes de elle ser Rei de Portugal.

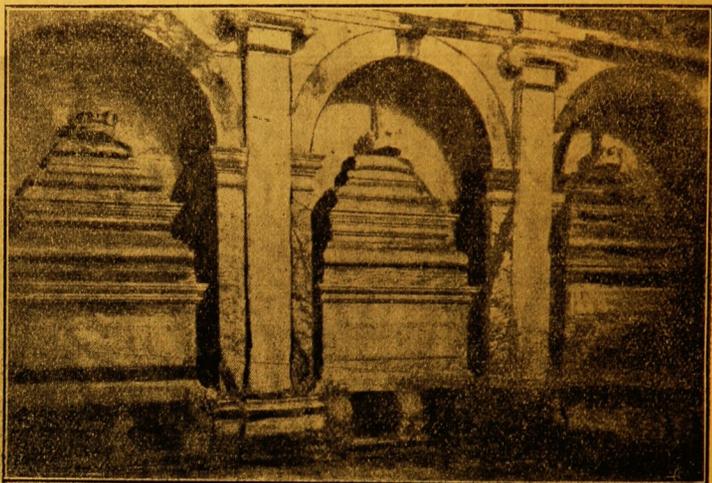
Como disse, quando foram trasladados os referidos restos mortaes dos Duques de Bragança ainda não estavam concluidos os retábulos dos altares e capellas desta Igreja, pois sabe-se por documentos antigos que, em 1753, o mestre de obras José Francisco de Abreu, residente em Elvas, orçou as referidas obras em 6 contos, sendo estas obras, bem como a reedificação da tribuna da capella-mór,

feitas pelo canteiro João da Costa Torres, em 1758, que aggregou a si o canteiro Bento da Silva, e o pedreiro José Mendes Brochado, todos artistas de Villa Viçosa. Todavia, em 1677 já estava feita a torre do lado direito, principiando em 1682 a construir-se a do lado esquerdo ou do Sul cujas obras paralyzavam, vendo-se os frades obrigados a darem de empreitada o resto da construcção em 1788, ao artista Sebastião Gomes pela quantia de 1:109:600 reis a qual elle não concluiu por ter fallido tendo por isso os ditos frades concluí-la á sua custa; no que gastaram para cima de 2:000:000 reis. Por isso, só em 1790 é que ficou concluída apesar de já estar prompta até ás sineiras quando elles iniciaram á sua custa a completa conclusão, isto é, 108 annos depois de se ter principiado a dita torre.

Portanto pode-se dizer que aquella quantia

foi gasta sómente com a construcção da cúpula. Decerto foi ne'ssa occasião que se construiu tambem a varanda de marmore, de balaustrada, da mesma pedra que existe no alto entre as duas torres e por cima do alpendre ou recinto da entrada da igreja. O côro, que é amplo e cheio de luz, tem á frente uma especie de parapetto com uma balaustrada de marmore mandado fazer pelos frades ao referido José Francisco de Abreu em 1754, pela quantia de 240\$000 bem como os dois púlpitos de marmore branco por 150\$000. O guarda-vento foi trabalhado por um artista da mesma villa, mas o desenho feito por um italiano.

Em 1790 foi feita a balaustrada de marmore azul que forma a teia da capella-mór. A 17 de Julho de 1861 foi mandado reparar o seu zimbório que o terremoto de 1858 fendera; foram



Lado esquerdo

limpos os canteiros externos e concertados os telhados, no que a Casa de Bragança gastou cerca de 3 contos.

A Capella de Santa Rita tinha, ultimamente, padroeiros ou protectores particulares. A de Santa Rita pertencia a Manoel Lopes, Almoxtarif de Paço Ducal, n'esta villa, por compra que d'ella fizera aos frades, em 1672, por 200\$000, para n'ella ter jazigo bem como sua mulher, D. Maria Ferreira e herdeiros, instituindo n'esse altar uma missa quotidiana, dotando-a para esse fim com 9 moios de trigo, varios bens em que entravam vários oliveas e um lugar de azeite, situado no Carrascal e uma herdade, chamada dos Pereiras, na freguezia do Rosário. A capella de S. Nicolau pertencia ultimamente á familia Mascarenhos por compra que d'ella fizera Pedro Mascarenhos aos frades, em 1726, pela quantia de 178\$350 reis.

A principio a capella de Santa Rita tinha uma confraria com alguns bens de rendimentos; foi esta irmandade que mandou reformar, em 1722, o retabulo da mesma capella por 220:000 reis pelo entalhador Antonio Martins, pois o retabulo é todo de madeira. Era então juiz da referida irmandade o Sargento-mór, Manuel Luiz Figueirôa Castello Branco. Existe desde antigos tempos erecta nesta igreja a confraria do *Senhor dos Passos*, pois em 1767 Domingos Gonçalves repartiu com o marido João Rodrigues Tavares os seus bens, fazendo doação da sua parte á referida Confraria com a obrigação de lhe applicarem pela alma as missas das sextas-feiras da quaresma.

Estes bens valiam 200:000 reis.

Em 1825 o irmão d'esta Confraria, Manuel dos Santos Rosa, deu 400:000 reis para se construir a capella para o Senhor dos Passos, o que se fez; d'onde se conclue que não a havia anteriormente. Esta confraria tem sacristia privativa e n'ella está enterrado o referido Irmão a quem foi concedido este privilégio por attenção a tão generoso acto. Possui esta igreja nove altares, mas trez estão vazios, porque não tem orago.

São seis capellas no corpo da igreja, dois altares no Cruzeiro e a capella-mór. Como se sabe ha differença entre altares e capellas, pois estas são fundos, cavados na parede, e os altares são construidos á superficie ou face da parede.

Outr'ora n'estes altares e capellas só haviam lampadas e castiças de prata e na capella-mór existiam dez bustos de prata maciça mandados fazer e doados a esta igreja por D. João V. Todas estas alfaias e muitas outras de valor, segundo consta, roubaram-nos os francezes em 1808. Diz-se que tudo pesou 28 arrobas e 10 arrateis que elles transportaram em carros. A casa de Bragança é quem actualmente attende á conservação d'esta igreja por estar n'ella o pantheon dos Duques.

Foi D. João V quem a doou tambem dos melhores paramentos e alfaias, entre ellas d'uma banqueta imperial de prata para a capella mór, um páleo roxo dourado, sete capas d'asperge, da mesma cor e tecido; e quem deu á Confraria dos Santos Passos o sino grande que está na torre do lado norte, que foi fundido em 1746 por José del Solas

Nota-se n'esta igreja, em duas columnas das quatro de mármore que guarnecem o altar mór, uma cousa interessante e curiosa.

Quem entrar e reparar bem n'ellas descobre em cada uma d'ellas a figura dum frade da Ordem a que pertencia o convento, formado pelos veios escuros do mármore, sendo o do lado direito d'uma extraordinaria nitidez, pois conhecê-se bem o habito, os pés, a cabeça e tendo as mãos cruzadas sobre o peito!

Em março de 1892 começou a dizer missa

n'esta igreja o Capellão da Casa de Bragança para ir ahí ouvi-la a Escola Pratica de Cavallaria, installada no Convento desde Julho de 1890. Ainda alli ha actualmente missa aos domingos paga pela Casa de Bragança a um padre que é coadjutor do Capellão da referida Casa de Bragança e que a applica por alma dos duques cujas ossadas alli repousam.

Realizavam-se outr'ora n'esta Igreja pomposas festividades em que os duques de Bragança tomavam parte, mas foram acabando de dia para dia, reduzindo-se hoje simplesmente á Procição dos Santos Passos.

Os referidos duques, ao lado dos frades Gracianos, não se envergonhavam de entoar canticos liturgicos, concorrendo assim para o esplendor d'essas festividades. Aquella procição data do tempo do duque D. Teodozio II, que foi quem a insituiu e foi no seu tempo que se exigiram tambem as capellas dos Passos que são cinco, edificadas por onde passa a respectiva procição e que não eram revestidas de marmore como estão actualmente, datando em revestimento do século XVIII. Segundo consta de documentos antigos, em 1741, a confraria do Senhor dos Passos contratou por 190:000 reis a construcção de duas d'essas capellas existindo já a do Passo, situado na Praça. Os biographos d'este duque dizem que elle visitava nas sextas-feiras da quaresma estas capellas descalço e com opa de cauda, acompanhado de dois moços da sua camara.

Ainda hoje se observa n'esta procição um costume que demonstra bem quão grande foi o poderio d'esses Duques.

Quando ella recolhia a esta igreja os Irmãos que conduzem o andor com o Senhor dos Passos vólham-se de frente para o Paço ducal e assim permanecem durante alguns minutos, recolhendo á imagem de recuo para dentro da Igreja, sendo levada á mão!! Data este costume do tempo do Duque D. Theodosio II, que estando á janella, do seu Paço desejava ver a coroa da imagem para lhe fazer oração e por isso dava a esmola de 6:400. Esta esmola manteve-se até 1834, reduzindo-a porem D. Pedro V a 5:000 apenas. Hoje ainda se conserva o mesmo costume, e a Casa de Bragança, por intermedio do seu Administrador geral, apresentado pelo respectivo almoxarife da mesma villa, continua a dar essa esmola, mas reduzida já a 4:500 reis.

Souzel.

ALBERTO GONÇALVES.



Os impostos, que se lançam aos povos, devem ser como os vapores, que o sol attrahe da terra, e que a ella volvem em fecundos orvalhos.

Geraldo, em Evora, por El-Rei D. João II, por suspeitas de traição contra o mesmo Rei; *D. Teodosio I*, fallecido em 1663 com 59 annos idade e *D. Teodosio II*, fallecido em 1630 com 62 annos de idade. Alem d'estes ha ainda outros 4 tumulos tambem elegantes e de feiito igual ao d'aquelles no arco-cruzeiro desta Igreja onde jazem do lado esquerdo: *D. Alexandre*, 4.^o Arcebispo de Evora, fallecido em 1608 com 38 annos de idade e *D. Alexandre*, seu sobrinho, fallecido em 1637, do lado direito ou do Evangelho: *D. Philippe*, irmão do duque D. Teodosio II; encontrando o outro tumulo vasio e que era destinado para *D. Duarte* fallecido em Milão. Nos topos do plano do presbyterio jazem em tumulos embutidos na parede, em forma de gavetão, *D. Manuel* e *D. Maria*, filhos do 8.^o duque de Bragança, fallecidos de tenra idade, muito antes de elle ser Rei de Portugal.

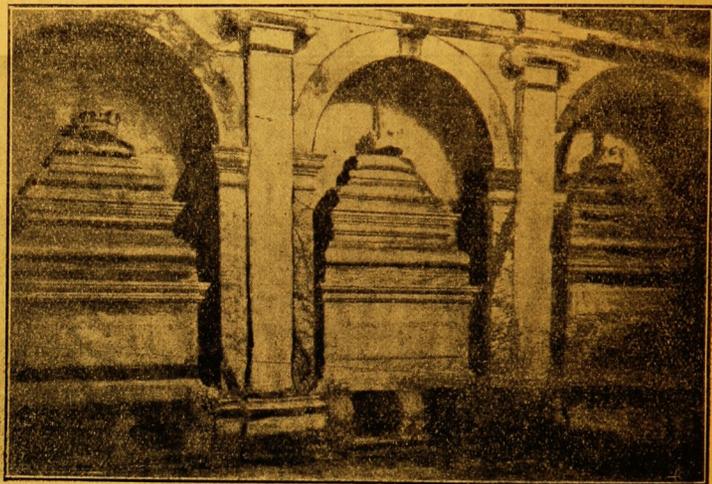
Como disse, quando foram trasladados os referidos restos mortaes dos Duques de Bragança ainda não estavam concluidos os retábulos dos altares e capellas desta Igreja, pois sabe-se por documentos antigos que, em 1753, o mestre de obras José Francisco de Abreu, residente em Elvas, orçou as referidas obras em 6 contos, sendo estas obras, bem como a reedificação da tribuna da capella-mór,

feitas pelo canteiro João da Costa Torres, em 1758, que aggregou a si o canteiro Bento da Silva, e o pedreiro José Mendes Brochado, todos artistas de Villa Viçosa. Todavia, em 1677 já estava feita a torre do lado direito, principiando em 1682 a construir-se a do lado esquerdo ou do Sul cujas obras paralytavam, vendo-se os frades obrigados a darem de empreitada o resto da construcção em 1788, ao artista Sebastião Gomes pela quantia de 1:109:600 reis a qual elle não concluiu por ter fallido tendo por isso os ditos frades de concluir-la á sua custa: no que gastaram para cima de 2:000:000 reis. Por isso, só em 1790 é que ficou concluida apezar de já estar prompta até ás sineiras quando elles iniciaram á sua custa a completa conclusão, isto é, 108 annos depois de se ter principiado a dita torre.

Portanto pode-se dizer que aquella quantia

foi gasta sómente com a construcção da cúpula. Decerto foi ne'ssa occasião que se construiu tambem a varanda de marmore, de balaustrada, da mesma pedra que existe no alto entre as duas torres e por cima do alpendre ou recinto da entrada da igreja. O côro, que é amplo e cheio de luz, tem á frente uma especie de para-peito com uma balaustrada de marmore mandado fazer pelos frades ao referido José Francisco de Abreu em 1754, pela quantia de 240\$000 bem como os dois púlpitos de marmore branco por 150\$000. O guarda-vento foi trabalhado por um artista da mesma villa, mas o desenho feito por um italiano.

Em 1790 foi feita a balustrada de marmore azul que forma a teia da capella-mór. A 17 de Julho de 1861 foi mandado reparar o seu zimbório que o terremoto de 1858 fendera; foram



Lado esquerdo

limpos os canteiros externos e concertados os telhados, no que a Casa de Bragança gastou cerca de 3 contos.

A Capella de Santa Rita tinha, ultimamente, padroeiros ou protectores particulares. A de Santa Rita pertencia a Manoel Lopes, Almoxtarif do Paço Ducal, n'esta villa, por compra que d'ella fizera aos frades, em 1672, por 200\$000, para n'ella ter jazigo bem como sua mulher, D. Maria Ferreira e herdeiros, instituindo n'esse altar uma missa quotidiana, dotando-a para esse fim com 9 moios de trigo, varios bens em que entravam varios olivae e um lagar de azeite, situado no Carrascal e uma herdade, chamada dos Pereiras, na freguezia do Rosário. A capella de S. Nicolau pertencia ultimamente á familia Mascarenhos por compra que d'ella fizera Pedro Mascarenhos aos frades, em 1726, pela quantia de 178\$350 reis.

A principio a capella de Santa Rita tinha uma confraria com alguns bens de rendimentos; foi esta irmandade que mandou reformar, em 1722, o retabulo da mesma capella por 220.000 reis pelo entalhador Antonio Martins, pois o retabulo é todo de madeira. Era então juiz da referida irmandade o Sargento-mór, Manuel Luiz Figueirôa Castello Branco. Existe desde antigos tempos erecta nesta egreja a confraria do *Senhor dos Passos*, pois em 1767 Domingas Gonçalves repartiu com o marido João Rodrigues Tavares os seus bens, fazendo doação da sua parte á referida Confraria com a obrigação de lhe applicarem pela alma as missas das sextas-feiras da quaresma.

Estes bens valiam 200.000 reis.

Em 1825 o irmão d'esta Confraria, Manuel dos Santos Rosa, deu 400.000 reis para se construir a capella para o Senhor dos Passos, o que se fez; d'onde se conclue que não a havia anteriormente. Esta confraria tem sacristia privativa e n'ella está enterrado o referido Irmão a quem foi concedido este privilégio por attenção a tão generoso acto. Possui esta egreja nove altares, mas trez estão vazios, porque não teem orago.

São seis capellas no corpo da egreja, dois altares no Cruzeiro e a capella-mór. Como se sabe ha differença entre altares e capellas, pois estas são fundos, cavados na parede, e os altares são construidos á superficie ou face da parede.

Outr'ora n'estes altares e capellas só haviam lampadas e castiças de prata e na capella-mór existiam dez bustos de prata macissa mandados fazer e doados a esta egreja por D. João V. Todas estas alfaias e muitas outras de valor, segundo consta, roubaram-nas os francezes em 1808. Diz-se que tudo pesou 28 arrobas e 10 arrateiros que elles transportaram em carros. A casa de Bragança é quem actualmente attende á conservação d'esta egreja por estar n'ella o pantheon dos Duques.

Foi D. João V quem a douo tambem dos melhores paramentos e alfaias, entre ellas d'uma banquetta imperial de prata para a capella mór, um páleo roxo dourado, sete capas d'asperge, da mesma cor e tecido; e quem deu á Confraria dos Santos Passos o sino grande que está na torre do lado norte, que foi fundido em 1746 por José del Solas

Nota-se n'esta egreja, em duas columnas das quatro de mármore que guarnecem o altar mór, uma cousa interessante e curiosa.

Quem entrar e reparar bem n'ellas descobre em cada uma d'ellas a figura dum frade da Ordem a que pertencia o convento, formado pelos veios escuros do mármore, sendo o do lado direito d'uma extraordinaria nitidez, pois conhece-se bem o habito, os pés, a cabeça e tendo as mãos cruzadas sobre o peito!

Em março de 1892 começou a dizer missa

n'esta egreja o Capellão da Casa de Bragança para ir ahi ouvi-la a Escola Pratica de Cavalaria, installada no Convento desde Julho de 1890. Ainda alli ha actualmente missa aos domingos paga pela Casa de Bragança a um padre que é coadjutor do Capellão da referida Casa de Bragança e que a applica por alma dos duques cujas ossadas alli repousam.

Realizavam-se outr'ora n'esta Egreja pomposas festividades em que os duques de Bragança tomavam parte, mas foram acabando de dia para dia, reduzindo-se hoje simplesmente á Procição dos Santos Passos.

Os referidos duques, ao lado dos frades Gracianos, não se envergonhavam de entoar canticos lithurgicos, concorrendo assim para o esplendor d'essas festividades. Aquella procição data do tempo do duque D. Teodozio II, que foi quem a instituiu e foi no seu tempo que se exigiram tambem as capellas dos Passos que são cinco, edificadas por onde passa a respectiva procição e que não eram revestidas de marmore como estão actualmente, datando em revestimento do século XVIII. Segundo consta de documentos antigos, em 1741, a confraria do Senhor dos Passos contratou por 190.000 reis a construcção de duas d'essas capellas existindo já a do Passo, situado na Praça. Os biographos d'este duque dizem que elle visitava nas sextas-feiras da quaresma estas capellas descalço e com opa de cauda, acompanhado de dois moços da sua camara.

Ainda hoje se observa n'esta procição um costume que demonstra bem quão grande foi o poderio d'esses Duques.

Quando ella recolhia a esta egreja os Irmãos que conduzem o andor com o Senhor dos Passos voltam-se de frente para o Paço ducal e assim permanecem durante alguns minutos, recolhendo á imagem de recuo para dentro da Egreja, sendo levada á mão!! Data este costume do tempo do Duque D. Theodosio II, que estando á janell'a, do seu Paço desejava ver a coroa da imagem para lhe fazer oração e por isso dava a esmola de 6:400. Esta esmola manteve-se até 1834, reduzindo-a porem D. Pedro V a 5:000 apenas. Hoje ainda se conserva o mesmo costume, e a Casa de Bragança, por intermedio do seu Administrador geral, apresentado pelo respectivo almoxarife da mesma villa, continua a dar essa esmola, mas reduzida já a 4:500 reis.

Souzel.

ALBERTO GONÇALVES.



Os impostos, que se lançam aos povos, devem ser como os vapores, que o sol attrahe da terra, e que a ella volvem em fecundos orvalhos.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos



O philosopho Menedêmo dizia um mercador que não havia maior felicidade no mundo do que o alcançar o que se deseja.

— Muito maior felicidade é não desejar o homem senão o que é licito.

Dominar consciências

Dizia o imperador Maximiliano II:

— Não ha tyrannia mais rigorosa que querer dominar as consciências.

A prudencia

Bion Boristhenites repelia sempre nas lições aos seus discipulos:

A prudencia excede tanto as outras virtudes quanto o sentido de vêr excede os outros sentidos. Pois, assim como os olhos dão luz a todo o corpo, assim a prudencia illustra todas as mais virtudes. Nem ha virtude sem prudencia.

Ejicléto

Para este philosopho a sumula de toda a philosophia é:

— Sofre e abstem-te

Lei de Christo

S. João Chrysostomo:

— Se os christãos vivessem conforme a lei de Christo, toda a gentillidade estava já convertida.

Os que riem

S. Agostinho:

— O mundo ri de todos que se não riem d'elle.

O Adulador

Cassiodoro disse:

— O adulador a todos louva. Ao prodigo chama *liberal*, ao avarento *parco*, ao lascivo *cortezão*, ao fallador *affavel*, ao obstinado *constante*, ao preguiçoso *grave*, emfim, a lisonja é a setta que mais ligeiramente voa e mais depressa se emprega.

Só o licito

O melhor conselheiro

O philosopho Bias:

— O melhor conselheiro é o tempo.

Tres mães

Dizia o philosopho Hypaso:

— De tres mães formosas nascem tres filhas feas: da paz nasce o ocio, da amizade o desprezo, da verdade o odio.

Simonides

Dizia o philosopho Simonides:

— Nunca me arrependi do que callei, mas do que fallei muitas vezes me arrependi.

Os parricidas

Estranharam a Solon, sabio e legislador atheniense, não ter instituido leis contra os parricidas.

— Não julguei que podesse haver no mundo maldade tão atroz!

Ovidio

Do poeta Ovidio:

— Tudo mudo, nada perece.

Fallar e pensar

Tiberio Cesar prohibiu que se castigassem aquelles que dissessem alguma cousa contra elle. Justificou:

— N'um Estado livre devem conservar-se livres a lingua e o pensamento.

Arte antiga

No tempo da republica romana o estylo dorico predominava nos templos: acharam-no nimiamente severo; o jonio, com as suas ligeiras volutas, pareceu delicado de mais, e, no tempo de Augusto, não se contentaram os intrusos da arte com menos do que com a exuberante riqueza do corinthio.

A um meio discipulo de Phidias, dizia-se:

— Não podeste tornar formosa a tua Venus, fizeste-la rica.

Os romanos lançavam sobre os seus monumentos de tijolos ou de pedras, uma esplendida veste, roupagem fluctuante que nem sempre seguia os movimentos do corpo.